

**ESCOLA SUPERIOR ABERTA DO BRASIL – ESAB
CURSO DE PLANEJAMENTO EDUCACIONAL E DOCÊNCIA DO
ENSINO SUPERIOR**

EMERSON LUIS COBIANCHI

INDISCIPLINA NA ESCOLA, UMA ABORDAGEM INVESTIGATIVA

**CORNÉLIO PROCÓPIO - PR
2009**

EMERSON LUIS COBIANCHI

INDISCIPLINA NA ESCOLA, UMA ABORDAGEM INVESTIGATIVA

Monografia apresentada a ESABI - Escola Superior Aberta do Brasil, sob orientação da Professora Beatriz Christo Gobbi

**CORNÉLIO PROCÓPIO - PR
2009**

EMERSON LUIS COBIANCHI

INDISCIPLINA NA ESCOLA, UMA ABORDAGEM INVESTIGATIVA

Aprovado em de 2009

**CORNÉLIO PROCÓPIO - PR
2009**

Dedico este trabalho ao maior docente que passou por esta terra, Jesus Cristo, o qual através dos seus ensinamentos mudou e ainda muda a vida de milhares de pessoas com sua poderosa pedagogia do caminho, da verdade e da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus.

A minha esposa e filhos, pela paciência que eles tiveram comigo.

A todos aqueles que me ajudaram de uma forma direta ou indireta na realização deste trabalho.

Aos professores e aos orientadores da ESAB.

“Não basta saber, é preciso também aplicar; não basta
querer, é preciso também fazer.”

(Johann Goethe)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo identificar os possíveis motivos da indisciplina presente nas escolas, buscando novas mudanças, para um melhor desempenho escolar. Este assunto é muito relevante, pois interfere diretamente no processo de ensino-aprendizagem, como um fator agravante para o aprendizado do aluno e ensino didático do professor. A partir deste foco o presente estudo será desenvolvido como uma pesquisa exploratória onde serão realizados levantamentos bibliográficos desenvolvidos com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas e também descritivas, com o objetivo de identificar os possíveis motivos da indisciplina presente nas escolas. Começaremos conceituando o que é disciplina e indisciplina, mostraremos os possíveis fatores que contribuem para a indisciplina no contexto escolar, como fatores relacionados aos professores, alunos, família e instituição escolar, depois analisaremos possíveis soluções para resolução deste problema e interferências na indisciplina, o que nos vai conduzir a observar uma intervenção em uma escola em crise e por fim concluiremos este trabalho mostrando que a indisciplina na escola é uma solução possível.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 OBJETIVO GERAL.....	11
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
2. DISCIPLINA E INDISCIPLINA.....	13
2.1 CONCEITOS DE DISCIPLINA.....	13
2.1.1 Disciplina na Escola nos Dias Atuais.....	14
2.2 CONCEITOS DE INDISCIPLINA.....	16
3. TRÊS POSSÍVEIS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR.....	17
3.1 FATORES RELACIONADOS AO PROFESSOR.....	23
3.2 FATORES RELACIONADO AO ALUNO.....	25
3.3 FATORES RELACIONADOS NA FAMÍLIA.....	26
3.4 FATORES RELACIONADOS NA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL...	29
4. QUATRO POSSÍVEIS SOLUÇÕES E INTERFERENCIAS NA INDISCIPLINA.....	32
4.1 ASPECTOS RELACIONADO AO AMBIENTE DA ESCOLA.....	33
4.2 ASPECTOS RELACIONADOS AO PAPEL DA ESCOLA.....	33
4.3 ASPECTOS RELACIONADOS A POSTURA DO PROFESSOR NA SALA DE AULA.....	34
5. CONSIDERAÇÕES SOBRE ENCAMINHAMENTOS PREVENTIVO.....	35
5.1 INTERVENÇÃO EM ESCOLAS SOB CRISE.....	38

6. CONCLUSÕES.....40

REFERÊNCIAS.....42

1. INTRODUÇÃO

Os alunos já não são mais os mesmos, A indisciplina em sala de aula é hoje, um fenômeno que vem sendo discutido em nossa sociedade com muita freqüência, seja por meios acadêmicos, familiares, por educadores, psicopedagogos, psicólogos ou até mesmo pela mídia.

Sabemos que a indisciplina escolar não envolve somente características encontradas dentro da sala de aula na relação professor-aluno. Fora da escola existem problemas sociais, como sobrevivência precária e baixa qualidade de vida, problemas culturais, psicológicos, além de conflitos nas relações familiares.

A indisciplina no contexto escolar, de acordo com Garcia (1999) está relacionada a fatores internos ou externos à escola. Entre as razões internas estariam, por exemplo, as condições de ensino e aprendizagem, a natureza do currículo, as características dos alunos, aos modos de relacionamento estabelecidos entre alunos e professores, e o próprio sentido atrelado à escolarização. Entre os fatores externos destacam-se a violência social e os conflitos psicológicos causados por ela, a influência da mídia e o ambiente familiar dos alunos.

Entende-se que a indisciplina tem relações com todo o cenário educacional, e envolve diversas pessoas em sua produção social. O estudo da percepção dos professores, portanto, fornece uma perspectiva sobre o processo de construção social da indisciplina, que pode ajudar a pensar particularmente na possibilidade de se encontrar possíveis soluções para um melhor desempenho escolar.

Sendo assim, o assunto indisciplina é muito relevante, pois interfere diretamente no processo de ensino-aprendizagem, como um fator agravante para o aprendizado do aluno e ensino didático do professor.

Por que atualmente as crianças não obedecem a seus pais, e tampouco os professores? Ao observar todo o cotidiano escolar, vêem-se reclamações e relatos de funcionários e coordenadores pedagógicos. Para os professores, o ensino tem como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, como:

bagunça, tumulto, falta de limites, mau comportamento, desrespeito.

Realmente, conquistar a disciplina em sala de aula e na escola tornou-se um verdadeiro desafio para o ensino atual, tanto nas instituições de âmbito público como privado e merece uma séria reflexão.

Então, como diminuir a indisciplina em sala de aula, objetivando melhorar as condições de aprendizado dos alunos?

A partir destes questionamentos o presente estudo será desenvolvido como uma pesquisa exploratória onde serão realizadas pesquisas bibliográficas desenvolvidas com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas e também descritivas, com o objetivo de identificar os possíveis motivos da indisciplina presente nas escolas, buscando novas mudanças, para um melhor desempenho escolar.

De muitos temas que poderiam ser explorado, escolheu-se o tema sobre indisciplina na sala de aula, pois, talvez seja a grande “dor de cabeça” para os educadores das escolas brasileiras. É um assunto que merece uma reflexão e uma busca exaustiva de alternativas que possam nos ajudar. Sendo assim, o assunto indisciplina é muito relevante, pois interfere diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

Para uma melhor compreensão sobre o assunto, serão citados nos próximos capítulos os problemas disciplinares e suas causas geradoras. Assim como as tentativas de possíveis mudanças a fim de amenizar esse problema tão sério que tanto tem causado polêmicas em todo o país.

1.1 OBJETIVO GERAL

Identificar os possíveis motivos da indisciplina presente nas escolas, buscando novas mudanças, para um melhor desempenho escolar.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Explicar o que é disciplina escolar; Descrever o que é indisciplina escolar; Levantar as causas da indisciplina nas escolas brasileiras; Buscar soluções adequadas para melhorar o desempenho escolar dos alunos; Diagnosticar através de pesquisa como anda a indisciplina nas escolas.

2. DISCIPLINA E INDISCIPLINA

2.1 CONCEITOS DE DISCIPLINA

No dicionário, o termo disciplina pode ser definido como regime de ordem imposta ou livremente consentida. Ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar, penitenciária, religiosa, etc.).

Relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor. Observância de preceitos ou normas. Submissão a um regulamento. E, o termo disciplinar, o ato de sujeitar ou submeter à disciplina: fazer obedecer ou ceder; acomodar, sujeitar; corrigir. Já o termo indisciplina refere-se “ao procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência, desordem, rebelião”. Sendo assim, indisciplinado é aquele que se insurge contra a disciplina (FERREIRA, 1986).

Disciplina é o conjunto de prescrições ou regras destinadas a manter a boa ordem em qualquer organização; obediência à autoridade; “obediência de normas ou preceitos; doutrina; ensino; conjunto de conhecimentos que se professam em cada cadeira de um instituto escolar”. (FERNANDES; LUFT; GUIMARÃES, 1993):

Disciplina é um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Portanto, ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola (TIBA, 1996, p. 99).

A disciplina parece ser vista como obediência cega a um conjunto de prescrição e, principalmente, como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola. “Nessa visão, as regras são imprescritíveis ao desejado ordenamento, ajustamento, controle e coerção de cada aluno e da classe como um todo” (REGO, 1996, p.85).

Assim, quando se pensa na disciplina em relação a um conjunto de normas do funcionamento regular de uma organização, isso implica na possibilidade de quebra de normas estabelecidas, e essa quebra de normas pode trazer complicações para a organização.

Além deste conceito inicial, a disciplina pode ser classificada de várias maneiras, de acordo com as condições em que é apresentada, pois, pode estar associada às regras de uma determinada organização, ou ao comportamento individual de cada pessoa.

Nesse sentido, na organização escolar, a disciplina se divide entre um ambiente em que o indivíduo se torna obrigado a cumprir suas leis, e outro em que depende do comportamento de cada um. Assim como a escola tem esse ambiente de dominação no qual não tolera as diferenças, ela também é recortada por formas de resistência que não se submetem às imposições das normas do dever-ser. "Compreender essa situação implica em aceitar a escola como um lugar que se expressa numa extrema tensão entre forças opostas" (GUIMARÃES, 1996, p.80).

2.1.1 Disciplina na Escola nos Dias Atuais

Atualmente quando se fala em disciplina, pensa-se num conjunto de regras com a finalidade de estabelecer a ordem, assim como as sanções associadas à violação das mesmas. Esta violação conduz à desordem, que define o conceito de indisciplina (ESTRELA, 1992).

Para Durkheim "a disciplina é a moral da classe", enquanto que, para Freinet, "só há desordem quando há falha na organização do trabalho, quando a criança não está ocupada numa atividade que responde aos seus desejos e às suas possibilidades". Refere ainda que, para Nizet e Hiernaux, a disciplina ou a indisciplina são formas de reação à continuidade ou ao desfasamento que os alunos encontram na Escola, acentuadas pelas estratégias dos professores. E para Maria Montessori "a disciplina não é, pois, um fim, mas um caminho que permitirá à criança saborear as alegrias da ordem interior, atingidas graças a conquistas sucessivas" (apud ESTRELA, 1992, p. 78).

A disciplina pode ser classificada de várias maneiras de acordo com as condições em que é apresentada, pode estar associada às regras e normas de uma determinada organização ou ao comportamento individual de cada pessoa. Mas sendo um

conceito fundamental de organização em qualquer das circunstâncias em que é aplicada (ESTRELA, 1992).

A disciplina na escola se divide entre um ambiente em que o indivíduo se torna obrigado a cumprir suas leis, e outro em que depende do comportamento de cada um.

Assim como a escola tem esse ambiente de dominação no qual não tolera as diferenças, ela também é recortada por formas de resistência que não se submetem as imposições das normas do dever-ser. Compreender essa situação implica em aceitar a escola como um lugar que se expressa numa extrema tensão entre forças opostas (GUIMARÃES, 1996).

[b1] Comentário: O trecho da citação direta precisa ser destacado do resto do texto.

A escola tem o dever de impor normas com função de manter a ordem, e fazer com que os indivíduos respeitem o órgão central, mas não podem deixar de colocar a questão da opinião de cada um, fazendo com que seu estabelecimento se transforme em uma forma de prisão.

Levando-se em conta as características das crianças e jovens que hoje freqüentam as escolas, tem-se um percentual considerado grande de indisciplinados e isso ocorre quando a escola não tem um significado para eles, pois quando a organização do ano escolar, dos programas de aulas, podem estar distante do gosto e das necessidades dos alunos, pode transformar-se em apatia ou explodir em violência (GUIMARÃES, 1996).

[b2] Comentário: O trecho da citação direta precisa ser destacado do resto do texto.

No entanto este é um tema que tem gerado bastantes discussões no meio educacional, deixando grande parte dos profissionais muito preocupados. No processo educativo, a questão da indisciplina nas aulas é um dos temas que atualmente mais mobilizam professores, técnicos e pais de diversas escolas brasileiras que estão inseridas em contextos distintos. Entretanto apesar de ser objeto de crescente preocupação, no meio educacional este assunto é de um modo geral, superficialmente debatido (REGO, 1996).

[b3] Comentário: O trecho da citação direta precisa ser destacado do resto do texto.

O tema disciplina pode nos levar a discutir a própria natureza humana. Para o filósofo Kant, a disciplina é uma condição necessária para arrancar o homem de sua condição natural de selvagem. Não se trata apenas de bons modos, trata-se de educar o homem para ser homem, tirando sua condição animal. Permanecer parado num banco escolar, para Kant, é necessário não para possibilitar o bom funcionamento da escola, mas ensinar a criança a controlar seus impulsos. Isso não significa que ela não possa se alfabetizar, mas não conseguiria se humanizar (GROPA, 1996).

[b4] Comentário: O trecho da citação direta precisa ser destacado do resto do texto.

Alguns filósofos defendem o ensino tradicional porque se preocupam com o futuro da humanidade. Já Piaget aposta na autodisciplina. Disciplinar é um ato complementar e depende das características pessoais do disciplinador, porque vários professores terão resultados diferentes numa única sala, portanto faz-se necessário a observação de algumas características nos relacionamentos humanos.

2.2 CONCEITOS DE INDISCIPLINA

De acordo com Ferreira (1996, p.595) o termo indisciplina refere-se ao procedimento, ato ou dito contrário à disciplina, desobediência, desordem, rebelião. Sendo assim, indisciplinado é aquele que se “insurge contra a disciplina”.

Esta definição pode ser interpretada de diversas formas. É possível entender que disciplinável é aquele que deixa submeter, a que se sujeita de modo passivo, aos conjuntos de normas estabelecidas por outrem e relacionadas com as necessidades extrema a este. Já o indisciplinado não acata e não se submete nem tampouco se acomoda, provocando rupturas e questionamentos.

Assim, a indisciplina tende a ser definida pela sua negação, privação ou, ainda, pela desordem proveniente da quebra de regras estabelecidas (ESTRELA, 2002, p. 17).

Em seus estudos Rego (1995 p. 84), afirma que:

a indisciplina é muito difundida no meio educacional e compreendida como manifesta por um indivíduo ou um grupo, com um comportamento inadequado em sinal de rebeldia, desacato, trazida na falta de educação ou de respeito pelas autoridades, na bagunça ou agitação dos comportamentos esperados.

Segundo Rego (1995) a indisciplina pode ser vista como obediência cega a um conjunto de prescrições, principalmente como um pré requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola. Observa-se que nesta perspectiva, qualquer manifestação de inquietação, discordância, conversa, questionamento ou desatenção por parte dos alunos é entendida como indisciplina, já que se busca a paciência e a docilidade das crianças de tal forma que nada as possa distrair dos exercícios passados pelo professor.

Sabe-se que a escola é a instituição responsável pelo bom desempenho individual e pela interação dos indivíduos com os demais no grupo. No entanto, o meio escolar tem vivido situação cada vez mais constante. Entre elas, o estranhamento e a alienação de professores e alunos em relação ao processo educativo. Alunos rebeldes, professores insatisfeitos, riscos constantes de violências. Este tem sido o real trazido pela mídia a respeito da educação, abrangendo de uma forma geral toda a sociedade.

Rego (1995) relata ainda que muitas regras existem para que se possa formar um cidadão digno, responsável de viver em sociedade, e para isso uma das responsabilidades fica para a escola, que no ponto de vista do professor, a disciplina é essencialmente um processo de estimular a conduta cujos processos levarão a um auto-controle da criança, com objetivo de alcançar uma educação fundamental.

3. TRÊS POSSÍVEIS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR

A indisciplina na escola está na ordem do dia. As preocupações de professores, pais e educadores em geral, relativos aos comportamentos escolares dos alunos, têm sido consideráveis nos últimos anos.

Constata-se que no contexto educativo, a indisciplina contribui para a exclusão escolar, gerando um problema social grave. Para Aquino (1996a, p. 40), “embora o fenômeno da indisciplina seja um velho conhecido de todos, sua relevância teórica não é tão nítida”.

A origem dos comportamentos ditos indisciplinados pode estar em diversos fatores: uns ligados a questões relacionadas ao professor, principalmente na sala de aula; outros centrados nas famílias dos alunos; outros verificados nos alunos; outros gerados no processo pedagógico escolar; e outros alheios ao contexto escolar.

Em continuidade a este momento de contextualização do objeto de estudo a ser investigado, será apresentado, mesmo que sinteticamente, algumas causas do “fenômeno” indisciplina escolar.

A indisciplina escolar não apresenta uma causa única, reflete uma combinação complexa de causas. A complexidade é parte do perfil da indisciplina, embora seu conceito seja, ainda, um trabalho não totalmente compreendido.

Segundo Vygotsky (1987) a educação tem papel crucial sobre o comportamento e o desenvolvimento de funções psicológicas. Em outras palavras, o comportamento ou disciplina é aprendido. Baseando-se nestas premissas, pode-se inferir, portanto, que o problema da indisciplina não deve ser encarado como alheio à família nem tão pouco à escola já que, na nossa sociedade, elas são as principais agências educativas.

Para Tiba (2006), essas causas são inúmeras, e uma das que se destaca entre os

alunos é a auto-estima, e ele diz que: “Os distúrbios comuns da auto-estima são a perda de limites, e a auto desvalorização, o excesso de auto-estima, o ego inflado, o ego murcho, o pretender fazer algo e não seguir adiante.” Esses problemas conduzem à indisciplina e à falta de respeito pelas pessoas ou bens alheios e têm se tornado muito sério nas últimas décadas.

A seguir serão demonstradas algumas causas de indisciplina:

1 - Relacionamento

Segundo Tiba (2006), os problemas de relacionamento entre os alunos na sala de aula também são grandes causadores de indisciplina, muitas brigas acontecem por motivos banais, ou por fatos que aconteceram dias antes e que nessas horas o diálogo básico geral não foge muito do exemplo:

- Professora, olha ele! Está me batendo!
- Você não jeito mesmo! Pare de bater na sua colega!
- Mas é ela que está me provocando, fessora.
- Pare de provocar seu colega!
- Mas eu não estou fazendo nada...

Esse tipo de diálogo é comum em sala de aula e de acordo com Tiba (2006), essa situação exige que o professor saiba impor sua autoridade sobre os alunos.

2 - Bullying

Outra causa considerada grave entre os alunos, é o “bullying”, que segundo Tiba (2006), essa palavra vem do verbo inglês bully, que significa tiranizar, intimidar. Isso não é uma agressão perigosa, mas deixam as pessoas isoladas, porque são agredidas psicologicamente e com a auto-estima rebaixada.

Basicamente, a prática do bullying se concentra na combinação entre a intimidação e a humilhação das pessoas, estas geralmente mais acomodadas, passivas ou que não possuem condições de exercer o poder sobre alguém ou sobre algum grupo.

O bullying só é interrompido pela interferência de pessoas que tenham autoridade sobre seus praticantes. O professor, ou o próprio diretor, deve interferir tornando o bullying possível a punição, e trazer à tona esse mecanismo feito mais às escondidas que exposto à grande maioria, para que todos fiquem cientes e sejam mobilizados a interferir e interromper cada vez que perceberem intimidação, abuso, violência ou aterrorização (Tiba, 2006, p. 68).

[b5] Comentário: Verificar no Manual de Monografia a forma de se escrever o nome do autor quando é mencionado entre os parênteses.

É normal em sala de aula, ouvir apelidos como: quatro olhos, baleia, e outros tipos de insultos que mexem com a auto-estima das crianças, isso não é só uma simples brincadeira de criança, esse tipo de atitude é chamado de “bullying”. Especialistas revelam que esse fenômeno, que acontece no mundo todo, pode provocar nas vítimas desde diminuição na auto-estima até o suicídio. “Bullying diz respeito a atitudes agressivas, intencionais e repetidas praticadas por um ou mais alunos contra outro” (ARAMIS NETO, 1999).

Esse tipo de comportamento pode ser praticado por crianças ou adolescentes qualquer nível de classe social, nas escolas é mais freqüente na hora dos intervalos gerando tumulto na escola em geral e indisciplina na sala de aula.

3 - Agressividade

A relação familiar: pais e filhos, mães e filhos é repleta de afetividade o que dificulta a visualização dos problemas e dificuldades de forma ampla, ou seja, para um pai é difícil entender que seu filho possa ter atitudes de desrespeito diante do professor, por exemplo.

Assim, a agressividade pode surgir dentro do ambiente familiar e são fatores que podem intensificar o aparecimento da indisciplina do aluno na escola. A interpretação psicanalítica utilizada na educação sugerindo que as dificuldades de aprendizagem estariam ligadas a problemas emocionais ou traumas vividos na infância estaria tornando a educação dada aos filhos permissiva, pelo medo do uso do autoritarismo e com dificuldades para o estabelecimento de limites, normas ou mesmo valores individuais e coletivos (PERIN e CORDEIRO, 2002).

4 – Hiperatividade

No cotidiano da sala de aula e depara com alunos agitados, que arrancam os brinquedos de seus colegas, andam de um lado para o outro e não conseguem ficar muito tempo sentado, no mesmo lugar. Nunca terminam as tarefas solicitadas. Em algumas vezes chegam a ser agressivos. Esse comportamento, geralmente confundido com indisciplina, é característico de um distúrbio de atenção que, de acordo com Gentile (2000), atinge 5% das crianças e adolescentes de todo o mundo: a hiperatividade. Conhecer os sintomas e aprender a lidar com esse problema é uma obrigação de qualquer professor que não queira causar danos a seus alunos. Afinal, a demora em diagnosticar o caso pode trazer sérias conseqüências para o desenvolvimento da criança.

A hiperatividade, segundo Lancet (1998) denominada na medicina de desordem do déficit de atenção, pode afetar crianças, adolescentes e até mesmo alguns adultos. Os sintomas variam de brandos a graves e podem incluir problemas de linguagem, memória e habilidades motoras. Embora a criança hiperativa tenha muitas vezes uma inteligência normal ou acima da média, o estado é caracterizado por problemas de aprendizado e comportamento. Os professores e pais da criança hiperativa devem saber lidar com a falta de atenção, impulsividade, instabilidade emocional e hiperativa incontrolável da criança.

O comportamento hiperativo pode estar relacionado a uma perda da visão ou audição, a um problema de comunicação, como a incapacidade de processar adequadamente os símbolos e idéias que surgem, estresse emocional, convulsões ou distúrbios do sono (LEITE; FERREIRA, 2008).

O verdadeiro comportamento hiperativo interfere na vida familiar, escolar e social da criança. As crianças hiperativas têm dificuldade em prestar atenção e aprender. Como são incapazes de filtrar estímulos, são facilmente distraídas. Essas crianças podem falar muito, alto demais e em momentos inoportunos. As crianças hiperativas estão sempre em movimento, sempre fazendo algo e são incapazes de ficar quietas. São impulsivas. Não param para olhar ou ouvir. Devido à sua energia, curiosidade e necessidade de explorar surpreendentes e aparentemente infinitas, são propensas a se machucar e a quebrar e danificar coisas. As crianças hiperativas toleram pouco as frustrações. Elas discutem com os pais, professores, adultos e amigos. Fazem

birras e seu humor flutua rapidamente. Essas crianças também tendem a ser muito agarrado às pessoas. Precisam de muita atenção e tranquilização. É importante para os pais perceberem que as crianças hiperativas entenderam as regras, instruções e expectativas sociais. O problema é que elas têm dificuldade em obedecê-las. Esses comportamentos são acidentais e não propositais (LEITE; FERREIRA, 2008).

5 – Violência

Atualmente as diversas modalidades de violência engendradas na sociedade atingem, além dos espaços privados, àqueles de domínio público. Os efeitos desta violência acabam por afetar praticamente todos os contextos institucionais, entre eles, a escola.

Ao se estudar questões referentes violência e indisciplina, restrita aos estabelecimentos escolares formais, procurou-se ter como um dos pontos de orientação um conceito ampliado de violência, visto que esta é tradicionalmente percebida preferencialmente enquanto danos físicos e materiais. O conceito de violência oferecido por Chauí (1985) é bastante abrangente, sobretudo ao ser utilizado na análise de instituições:

Entendemos por violência uma realização determinada das relações de forças, tanto em termos de classes sociais, quanto em termos interpessoais. Em lugar de tomarmos a violência como violação e transgressão de normas, regras e leis, preferimos considerá-la sob dois outros ângulos. Em primeiro lugar, como conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e opressão. Isto é, a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre superior e inferior. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência (CHAUÍ, 1985, p. 35).

Abramovay e Ruas (2003) apontam que um dos fatores que dificulta a análise da violência escolar é que não existe consenso sobre o significado da violência. A caracterização da violência pode variar em função do estabelecimento escolar, bem como por quem é descrita, se por professores, alunos, diretores, etc, havendo, também, variações em função da idade e sexo.

Segundo (Nogueira, 2003) as diferentes manifestações de violência nas escolas vêm adquirindo cada vez mais importância e dramaticidade na sociedade brasileira, especialmente a partir da década de oitenta. Muitas são as suas expressões, os sujeitos envolvidos e as consequências. O freqüente envolvimento da população infantil e juvenil com esta realidade ocupa, de maneira crescente, as páginas da imprensa falada e escrita. Tal problemática tem muitas implicações do ponto de vista da prática educativa, e suas diferentes manifestações têm preocupado de forma especial pais e educadores.

3.1 FATORES RELACIONADOS AO PROFESSOR

É muito importante o papel do professor, não como figura central, mas como coordenador do processo educativo, já que, usando de autoridade democrática, cria, em conjunto com os alunos, espaços pedagógicos interessantes, estimulantes e desafiadores, para que neles ocorra a construção de um conhecimento escolar significativo.

É necessário que se estabeleça uma forma de comunicação necessária para que a aprendizagem significativa ocorra realmente.

Vasconcellos (2003, p. 58) diz que:

O professor desempenha neste processo o papel de modelo, guia ou referência (seja para ser seguido ou contestado); mas os alunos podem aprender a lidar com o conhecimento também com os colegas. Uma coisa é o conhecimento "pronto", sistematizado, outro, bem diferente, é este conhecimento em movimento, tencionado pelas questões da existência, sendo montado e desmontado (engenharia conceitual). Aprende-se a pensar, ou, se quiserem, aprende-se a aprender.

Em suma, o ofício docente exige a negociação constante, quer com relação à definição de objetivos e às estratégias de ensino e de avaliação, quer com relação à disciplina, pois esta, se imposta autoritariamente, jamais será aceita pelos alunos.

Segundo Rego (1995) a indisciplina pode ser vista como obediência cega a um conjunto de prescrições, principalmente como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola. Observa-se que nesta perspectiva, qualquer manifestação de inquietação, discordância, conversa questionamento ou desatenção por parte dos alunos é entendida como indisciplina, já que se busca a paciência e a docilidade das crianças de tal forma que nada as possa distrair dos exercícios passados pelo professor.

Sabe-se que a escola é a instituição responsável pelo bom desempenho individual e pela interação dos indivíduos com os demais no grupo. No entanto, o meio escolar tem vivido novas situações cada vez mais constantes. Entre elas, o estranhamento e a alienação de professores e alunos em relação ao processo educativo. Alunos rebeldes, professores insatisfeitos, riscos constantes de violências. Este tem sido o real trazido pela mídia a respeito da educação, abrangendo de uma forma geral toda a sociedade. Para obter um resultado satisfatório sobre a autodisciplina, o professor tem de trabalhar muito os valores éticos e morais, pois nenhuma criança consegue ser disciplinada sem ajuda de um orientador, pois é papel do professor, mostrar o caminho e direcionar estas crianças para se tornar um cidadão (REGO, 1995).

O professor nunca abdica de sua autoridade moral, mesmo nos momentos em que pode ser desafiado pelos alunos. Uma criança muitas vezes provoca a zanga do professor intencionalmente para provar suas idéias negativas sobre os adultos. Ao disciplinar um aluno o professor não pode levar em conta sua opinião pessoal sobre ele. Castigos, também não têm um bom resultado disciplinar, o aluno pode tanto se rebelar pela vingança como se recolher, evitando o desenvolvimento de seu comportamento natural. Ele deve ganhar a confiança do aluno e assim orientá-los conforme a necessidade de cada um. O castigo não impede que o agressor aprenda a controlar seu comportamento, mas se tornar mais cauteloso ao cometer seus atos. “Nenhuma criança se auto-avalia quando esta sendo castigada, elas o vem como uma forma de vingança de quem esta aplicando, e esse sentimento passam para os alunos mesmo sem essa intenção” (GINOTT 1978).

O professor deve saber se controlar quando são provocados pelos alunos, pois o objetivo deles é fazer o professor perder o controle e agir conforme seus impulsos.

Ele deve ser firme e não perder jamais o equilíbrio e a calma sobre os alunos, e nunca usar o castigo diante de um mau comportamento, pois este não o ajuda a desenvolver o bom senso e caráter, mas a se tornar vingativo e reforçar seu pensamento sobre os adultos que na maioria dos alunos agressores, não é bom (GINOTT, 1978).

3.2 FATORES RELACIONADOS AO ALUNO

Os atos caracterizados como indisciplinados na escola estariam relacionados à atitude do aluno, como por exemplo: falar ao mesmo tempo em que o professor atrapalhando as aulas; responder com grosserias; brigar com outros alunos ou mesmo entre professor e aluno; bagunçar; ser desobediente; não fazer as tarefas escolares (OLIVEIRA, 1996).

A sociedade mudou a família também, o aluno de hoje é diferente, mas a escola continua com seus métodos de ensino como há décadas atrás. Assim, o comportamento indisciplinado do aluno sinalizaria que algo na escola e na sala de aula não está ocorrendo de acordo com as expectativas principalmente dos alunos, e mais, estes estariam reivindicando mudanças necessárias para que se realize o objetivo da escola: uma educação de qualidade, que desperte o interesse do aluno pelo aprendizado e pelo ambiente escolar. Segundo Aquino (1996) estamos em outros tempos e precisamos estabelecer outras relações.

O aluno precisa ser considerado no meio ou momento histórico em que está inserido. Se ele não está integrado ao processo ensino-aprendizagem passa a apresentar comportamentos que causam preocupação à escola, são manifestações que surgem na forma de agitação ou, contrária a ela, comportamentos de apatia e descomprometido. Manifestações pacíficas, quase estáticas, do silêncio e alienação às regras impostas (VASCONCELLOS, 2000).

Se a disciplina constitui normas impostas para que haja uma melhoria no ambiente escolar, a anulação ou esquiva do indivíduo da convivência e da manifestação de seu modo de pensar e se expressar nesse ambiente é também uma forma de reagir

às normas ou regras, portanto é uma forma de indisciplina.

3.3 FATORES RELACIONADO A FAMÍLIA

A importância da colaboração escola-família é notória, pois, quando as famílias participam da vida escolar, torna-se mais fácil a integração dos alunos e melhora a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Há estudos que evidenciam que o envolvimento dos pais está positivamente correlacionado com os resultados escolares dos alunos.

O envolvimento dos familiares melhora a imagem da escola e o seu vínculo com a comunidade. Tal envolvimento significa uma educação de sucesso apoiada no binômio escola-família, já que não se aprende só na escola. Nesta, aprende-se a aprender, mas para aprender o indivíduo deverá ser estimulado por um meio ambiente favorável, sendo que é na família que os alunos adquirem os modelos de comportamentos que exteriorizam na sala de aula.

A relação familiar: pais e filhos, mães e filhos é repleta de afetividade o que dificulta a visualização dos problemas e dificuldades de forma ampla, ou seja, para um pai é difícil entender que seu filho possa ter atitudes de desrespeito diante do professor, por exemplo.

Assim, a agressividade pode surgir dentro do ambiente familiar e são fatores que podem intensificar o aparecimento da indisciplina do aluno na escola. A interpretação psicanalítica utilizada na educação sugerindo que as dificuldades de aprendizagem estariam ligadas a problemas emocionais ou traumas vividos na infância estaria tornando a educação dada aos filhos permissiva, pelo medo do uso do autoritarismo e com dificuldades para o estabelecimento de limites, normas ou mesmo valores individuais e coletivos (PERIN e CORDEIRO, 2002).

Ao se analisar mais detalhadamente esse aspecto entra-se em contato com uma multiplicidade de fatores que estão relacionadas às mudanças da sociedade de forma geral

A sociedade do séc. XXI vive um período de crise ética, que no Brasil está constantemente retratada principalmente no campo da política quando vêm à tona casos de corrupção, desvios de dinheiro público, má distribuição de renda e indiferença dos governantes à classe trabalhista, acentuando o desemprego e o subemprego. A crise econômica, o consumismo, a competição exacerbada no mercado de trabalho e os valores invertidos são os principais fatores de desagregação familiar (PERIN e CORDEIRO, 2002, p.13-14).

Nesse sentido, quando os pais possuem dificuldades em exercer sua responsabilidade de estabelecer limites, transmitir valores para seus filhos, ou isentando-se desses papéis, podem ser considerados como indisciplinados. Os pais são os principais educadores. Às vezes, ficam meio confusos frente à atitude dos filhos, e não sabem como agir, saber o que é correto ou não em determinados momentos, não querendo assumir uma posição autoritária acabam por permitir tudo com medo que o filho venha a sofrer algum trauma. Dessa forma, acabam tendo atitudes que não somente geram indisciplina, mas que são indisciplinadas por não fornecer subsídios para que a criança tenha comportamentos adequados no convívio com outras pessoas, independente do contexto envolvido: familiar, escolar, social, entre outros (PERIN e CORDEIRO, 2002).

Ao se observar crianças onde os pais não impõem nenhum tipo de limite identifica-se crianças que são geralmente rejeitadas pelos colegas, pois não conseguem respeitar ninguém. Para que a criança saiba aceitar e respeitar os limites impostos pelos professores, colegas ou amigos com que convive, é preciso que ela tenha aprendido e exercitado desde o início de sua vida, este tipo de comportamento em sua família.

A permissividade exagerada enquanto a criança é pequena, dificulta mais tarde, a retirada dessas concessões. A coerência na educação de uma criança precisa ser pensada, planejada por toda família, inclusive junto com a escola, quando for o caso. Todo problema tem uma origem. Se há indisciplina dos estudantes nas escolas, certamente esse tipo de atitude tem suas raízes em experiências anteriores. Que experiências anteriores trazem uma criança que recém ingressou na escola e apresenta comportamento inadequado e muitas vezes agressivo? A experiência do convívio familiar, sem dúvida (AQUINO, 1998).

E a maioria dos especialistas está de acordo que os problemas de indisciplina na escola têm como base a falta de limites em casa.

A educação ativa formal é dada pela escola. Porém, a educação global é feita a oito mãos: pela escola, pelo pai e pela mãe e pelo próprio adolescente. Se a escola exige o cumprimento de regras, mas o aluno indisciplinado tem a condescendência dos pais, acaba funcionando como um casal que não chega a um acordo quanto à educação da criança. O filho vai tirar o lucro da discordância pais/escola da mesma forma que se aproveita quando há divergências entre o pai e a mãe. (TIBA, 1996, p. 183).

Não há dúvida de que o sistema de educação dentro do âmbito familiar mudou muito nos últimos anos. Há algum tempo atrás, vigorava a disciplina moldada a martelo, imposta pela força. A criança que desobedecia a seus pais era castigada, muitas vezes com violência física.

Com os diversos conceitos psicanalíticos e psicológicos que ganharam força especialmente nas décadas de 1960 e 1970, a educação familiar foi arremessada a um outro extremo e deu-se abertura a uma educação sem limites. Os filhos podiam tudo, os pais nada podiam. Isso gerou inúmeros reflexos que são sentidos até hoje.

São muitos os pais que continuam acreditando que não se pode proibir nada aos filhos, que eles têm que ter liberdade para fazer o que tiverem vontade e quando tiverem vontade. Felizmente, conforme vimos nas palavras de Tiba, estes conceitos estão mudando e muitos pais estão começando a buscar o equilíbrio entre liberdade e responsabilidade. a palavra de ordem agora é: LIMITE! (TIBA, 1996).

Mas é evidente que as coisas não mudam de uma hora para outra. Enquanto a nova cultura do limite vai se impondo gradativamente no meio familiar, ainda há muitos alunos envolvidos pela couraça protetora do “deixe fazer”. Logicamente isto traz reflexos negativos para dentro da escola, conforme veremos em seguida (TIBA, 1996).

Escola e família exercem papéis distintos no processo educativo. Evidencia-se uma confusão de papéis. A principal função da família é a transmissão de valores morais às crianças. Já à escola cabe a missão de recriar e sistematizar o conhecimento

histórico, social, moral (AQUINO, 1998).

3.4 FATORES RELACIONADOS NA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA

Ao começar sua vida escolar a criança vai iniciar um intenso processo de socialização, deparando-se com uma organização escolar que lhe é desconhecida e com uma série de regras que serão interiorizadas e cumpridas a fim de possibilitar uma relação de convivência. Assim, o aluno terá que aprender as novas regras da organização em que acaba de entrar a fim de se comportar adequadamente nas diversas situações.

No processo educativo, a questão da indisciplina nas aulas é um dos temas que atualmente mais mobilizam professores, técnicos e pais de diversas escolas brasileiras que estão inseridas em contextos distintos. Entretanto apesar de ser objeto de crescente preocupação, no meio educacional este assunto é de um modo geral, superficialmente debatido (REGO, 1995).

Contudo, nem todos os alunos que passam pela escola se comportam conforme as normas estabelecidas. Muitos alunos rejeitam os objetivos ou os procedimentos valorizados pela escola e pela sociedade, sendo o seu comportamento visto como indisciplinado. Desse modo, a escola, ao não conseguir realizar a socialização comportamental, cria situações de indisciplina nos seus alunos.

As crianças populares brasileiras não se evadem da escola, não a deixam porque querem. As crianças populares brasileiras são expulsas da escola, não, obviamente, porque esta ou aquela professora, por uma questão de pura antipatia pessoal expulsa estes ou aqueles alunos ou reprove. É a estrutura mesma da sociedade que cria uma série de impasses e de dificuldades, uns em solidariedade com os outros, de que resultam obstáculos enormes para as crianças populares não só chegarem à escola, mas também, quando chegam, nela ficarem e nela fazerem o percurso que têm direito (FREIRE, 1998a, p.35).

Para Freire (1997), um projeto de escola que busque a formação da cidadania precisa ter como objetivos: tratar todos os indivíduos com dignidade, com respeito à divergência, valorizando o que cada um tem de bom; fazer com que a escola se

torne mais atualizada para que os alunos gostem dela; e, ainda, garantir espaço para a construção de conhecimentos científicos significativos, que contribuam para uma análise crítica da realidade.

Sem desconsiderar a existência de fatores externos que influenciam nas relações e comportamentos no ambiente escolar, evidencia-se que é no próprio espaço da escola onde se constituem muitas manifestações de indisciplina, particularmente ligadas ao sistema de organização escolar. Parte-se das regras escolares que, muitas vezes, são impostas para os alunos, mas não estão claras. Manifestações de Indisciplina podem ser decorrentes do descontentamento por essas regras e pela não compreensão das mesmas. A escola é a responsável pelo estabelecimento e pela clareza das normas. O não entendimento das mesmas pode reverter em tomadas de decisão indevidas com relação ao grupo de alunos. À medida que a escola 'vigia e pune' o aluno confirma que sua atitude é irregular e alheia ao esperado por ela, assim, ele assume a posição de excluído e não adequado ao ambiente escolar (FOUCAULT apud SILVA, 1998).

À medida que cobra do aluno o respeito, o cumprimento das normas, o bom desempenho, a escola precisa oferecer subsídios para tais práticas. Como um aluno irá desenvolver conceitos de justiça e praticá-los se é freqüentemente injustiçado e punido, se não é ouvido ou mesmo questionado sobre o que se passa com ele? E o que é pior, na maioria das vezes, a culpa ou a origem dos fracassos e da indisciplina recai sobre o próprio aluno. O sistema escolar isenta-se de suas responsabilidades e desconsidera suas práticas excludentes.

Nesse sentido, segundo Frazatto é importante que os alunos participem do processo de construção das regras, não as recebam prontas, pois "ao participar da construção de regras, a criança aprende a ser parte de um grupo, ao mesmo tempo em que desenvolve sua autonomia" (apud FERREIRA 2001, p.175).

É importante que a escola adote a discussão dos "temas-problema" com os diferentes grupos que a compõem. A ausência de um plano comum de ação na escola é um sintoma da inexistência de discussão sobre esse assunto. Outro sintoma é quando se invertem as prioridades, dando mais importância para a

intervenção do que para a prevenção, que se daria através do investimento em ações preventivas voltadas à transformação de propensões e desenvolvimento de recursos internos.

4. QUATRO POSSÍVEIS SOLUÇÕES E INTERFÊNCIAS NA INDISCIPLINA

A indisciplina escolar não é um fenômeno estático, que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas. Não há “receitas”, “fórmulas” já prontas para as situações de indisciplina, dado estas serem relacionais e circunstanciais. É preciso situá-la em seus termos, isto é, de acordo com as características e com os condicionamentos do aluno que a provoca ou da situação na qual se manifesta.

Antunes (2002a, p. 25) salienta que “ensinar não é fácil e educar mais difícil ainda, mas não ensina quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido”. Os encaminhamentos disciplinares preventivos em nível de escola têm se mostrado efetivos, de acordo com a literatura especializada. Estudos indicam que uma diretriz disciplinar ampla, de base preventiva, é o melhor posicionamento que uma escola pode desenvolver para garantir a disciplina.

Se o que se deseja é uma escola disciplinada, é importante compartilhar com os estudantes expectativas que reflitam uma apreciação quanto as suas potencialidades e que expressem a visão de que eles devem assumir suas próprias responsabilidades junto à escola.

Outro elemento preventivo relevante na indisciplina é a adoção da modalidade de tutoria. É uma via polivalente de enorme interesse em que cada professor adota como tutor uma turma ou indivíduos de uma sala de aula ou da escola. Gotzen (2003, p. 66) afirma que “as tutorias são aplicadas mediante a ação coletiva e individual dirigida aos alunos ao longo da sua escolaridade, que incumbe logicamente a eles e a seu tutor, sendo que este último deve zelar pela harmonia entre alunos, professores e pais”.

4.1 ASPECTOS RELACIONADOS AO AMBIENTE DA ESCOLA

Deseja-se que a escola seja um espaço humanizado, democrático, onde se cultiva o

diálogo e a afetividade, onde se pratica a observação e a garantia dos direitos humanos. Na prática, o que se espera é que a escola assuma um papel educativo e proporcione, através de uma visão sistêmica, a integração de todos os agentes envolvidos no processo, bem como o acesso das novas gerações à herança cultural acumulada, vista como instrumento para desenvolver competências, aguçar sensibilidades e transformar o ser humano. Para que essa educação represente mudança deve-se cultivar, sobretudo entre os professores, uma postura de interesse pelas metas, realizações e problemas dos estudantes. Para Montoan (2003, p. 16), “nosso modelo educacional mostra há algum tempo sinais de esgotamento e nesse vazio de idéias que acompanha a crise paradigmática é que surge o momento oportuno das transformações”. Essas transformações na escola não ocorrem por acaso ou por decreto, mas pela postura reflexiva e pela vontade coletiva da sua comunidade.

4.2 ASPECTOS REFERENTES AO PAPEL DA DIREÇÃO ESCOLAR

É importante que a direção escolar atue de modo a oferecer apoio aos professores e aos alunos, tendo uma presença constante nos diversos espaços escolares, onde deve manter o relacionamento informal com professores e alunos. Espera-se que a direção escolar: expresse interesse pelas suas atividades, adotando uma postura de administrador-gestor que busca parcerias com outros espaços educativos; implemente inovações educacionais que melhor qualifiquem alunos e professores; desenvolva novas habilidades de estudo nos alunos; e introduza estratégias de aprendizagem cooperativas. Para Castro e Carvalho (2005, p. 41):

Uma escola, diferentemente de uma empresa comercial, não pode se contentar apenas com um administrador, mas precisa de um educador que lidere e crie liderança no percurso de realizações do projeto. Se assim forem conduzidas a definição e a realização de um projeto pedagógico, então, ele será sempre coletivo. Ou o projeto pedagógico será coletivo ou ele não será pedagógico. Neste caso a força para a sua realização estará enfraquecida. [...] Um projeto pedagógico bem definido, com as prioridades colocadas de forma consensual, facilitará sua partilha para além dos profissionais da educação, envolvendo os alunos, os pais e mesmo a comunidade local.

Além disso, é importante gerar modificações no clima e na imagem da escola,

através de atividades extracurriculares envolventes que valorizem o papel da escola diante dos seus alunos.

4.3 ASPECTOS REFERENTES À POSTURA DO PROFESSOR NA SALA DE AULA

É necessário que o professor desenvolva e conquiste maior autonomia para lidar com a indisciplina na sala de aula. Isso não significa deixar o professor sozinho com a indisciplina, mas fomentar um trabalho em parceria, baseado em responsabilidades claramente definidas e no auxílio estratégico da equipe de apoio pedagógico em situações que requerem intervenção. Para Gómez (2000, p. 81):

O ensino é uma atividade prática que se propõe dirigir as trocas educativas para orientar num sentido determinado as influências que se exercem sobre as novas gerações. Compreender a vida da sala de aula é um requisito necessário para evitar a arbitrariedade na intervenção. Mas nesta atividade, como noutras práticas sociais, como a medicina, a justiça, a política, a economia, etc., não se pode evitar o compromisso com a ação, a dimensão projetiva e normativa deste âmbito do conhecimento e atuação.

Assim, se no início do ano letivo há um encontro de desconhecidos, que se comportam com apreensão e que fazem avaliações mútuas, com o tempo, ocorre uma evolução educativa do indivíduo e do grupo, já que são realidades inacabadas que se constroem no processo de desenvolvimento e intervenção.

5. CONSIDERAÇÕES SOBRE ENCAMINHAMENTOS PREVENTIVOS

A seguir serão apresentadas algumas considerações sobre encaminhamentos disciplinares preventivos em nível de escola que têm se mostrado efetivos, tanto segundo nossa observação quanto de acordo com a literatura especializada (ABUD e ROMEU, 1989; LASLEY e WAYSON, 1982; GETTINGER, 1988; VASCONCELLOS, 1995). Tais estudos indicam que uma diretriz disciplinar ampla, de base preventiva, é o melhor recurso que uma escola pode desenvolver.

Revelam elementos comuns, quando observadas comparativamente. Um destes elementos é a existência de uma postura comum entre os profissionais da escola, com base num compromisso de estabelecer e manter uma disciplina estudantil apropriada, entendida como uma condição necessária para o processo de ensino-aprendizagem.

O primeiro ponto a ser destacado refere-se à necessidade de as escolas desenvolverem uma diretriz disciplinar de base pedagógica ampla, legitimada pela comunidade escolar, consonante com seu projeto político-pedagógico. Tal diretriz deve incluir o desenvolvimento de orientações (regras e procedimentos) disciplinares claras e de base ampla, as quais ganham em legitimidade à medida que são desenvolvidas com a participação dos estudantes, tornadas claras e conhecidas de toda a comunidade envolvida com a escola. A participação dos alunos é um elemento importante, pois favorece o sentimento de pertença e implica o exercício de algum grau de poder sobre as disposições coletivas, bases na criação de um senso de responsabilidade comum e um elemento de motivação (D'ANTOLA, 1989b).

É necessário, ainda, uma disseminação ampla destas orientações comuns, que assegure que todos os estudantes, pais e profissionais da escola tenham claras as expectativas sociais e pedagógicas que estarão sendo praticadas pela escola. É importante ressaltar que tal diretriz disciplinar não deve se restringir a estabelecer um conjunto de normas que organizem o ambiente escolar, mas deve também orientar a própria cultura daquilo que a comunidade deseja em termos de desenvolvimento disciplinar. Afinal, a disciplina deve ser também um objetivo

educacional (ABUD e ROMEU, 1989, p. 89).

Esta política disciplinar deve partir de um conceito operacional claro quanto ao que considera “disciplina” e de um processo de reflexão através do qual se estabeleçam parâmetros disciplinares que estarão informando e norteando as estratégias e procedimentos a serem observados pela comunidade escolar.

É importante que essa diretriz disciplinar combine encaminhamentos preventivos e interventivos, na forma de práticas de sala de aula em particular (que incluem a introdução, no currículo, de elementos para o desenvolvimento moral e aprendizagem cooperativa, por exemplo), tendo por complemento disposições disciplinares de base mais ampla, relativas à escola como um todo, e que sejam conhecidas e reiteradas pelos diversos profissionais que nela estejam atuando.

Ainda, escolas bem disciplinadas tendem a conjugar uma política de valorização da aprendizagem e uma disposição crítica diante das condições que a inibem. Um outro aspecto importante, então, reside no cultivo de expectativas elevadas quanto ao desempenho escolar, socialização e comportamento dos estudantes. Ao se desejar uma escola bem disciplinada é importante compartilhar e comunicar aos estudantes, algumas expectativas que reflitam uma apreciação quanto a suas potencialidades e que expressem a visão de que eles devem assumir suas próprias responsabilidades junto à escola.

Outro elemento preventivo relevante está no ambiente da escola (ABUD e ROMEU, 1989; VASCONCELLOS, 1995), que deve ser verdadeiramente humano, no sentido de constituir um espaço democrático onde se cultiva o diálogo e a afetividade humana, em que se pratica a observação e garantia dos direitos humanos (constitucionais). Este clima caloroso deve refletir um conhecimento e preocupação quanto aos estudantes enquanto pessoas, tendo em vista suas condições concretas, individualidades e singularidades.

Na prática, se desejar que a educação escolar represente mudança (FREIRE, 1991), deve-se cultivar uma postura, sobretudo entre os professores de interesse e compromisso pelas metas, realizações e problemas dos estudantes, bem como de

apoio às suas atividades curriculares e extracurriculares.

Outro aspecto refere-se ao papel da direção da escola. Parece particularmente importante que esta seja “visível” e atue de modo a oferecer encorajamento e suporte a professores e alunos. A visibilidade aqui considerada diz respeito à presença constante da direção nos diversos espaços da escola, onde deve exercer, de modo informal, relacionamentos com professores e estudantes, em nível pessoal e que expresse interesse pelas suas atividades.

Também é importante a relação formal entre direção e corpo docente. Aos professores deve ser delegada responsabilidade para lidar com as questões disciplinares de rotina; as questões mais sérias devem ser tratadas em parceria com as pessoas ou grupo responsáveis pela orientação disciplinar (pedagógica).

É necessário, portanto, que os professores desenvolvam e conquistem maior autonomia para lidar com a indisciplina de sala de aula. Isto não significa deixá-los a sós com a indisciplina de sala de aula, mas fomentar um trabalho em parceria, baseado em responsabilidades claramente definidas e no auxílio estratégico em situações de intervenção da equipe de apoio pedagógico.

Finalmente, é preciso considerar a necessidade de estreitar as relações entre escola e comunidade. O avanço disciplinar na escola parece requerer um alto nível de comunicação e relações democráticas com as comunidades a que atendem (D'ANTOLA, 1989b; GUIMARÃES, 1985). Entretanto, esta nem sempre é a realidade vivida pelas escolas. Nesse sentido, uma meta ainda a ser atingida seria ampliar o grau de envolvimento dos pais nas atividades para as quais são solicitados, seja nas discussões pertinentes às questões pedagógicas como às atividades extracurriculares ou mesmo de gestão, incluindo a questão da indisciplina. Para isso, é fundamental manter a comunidade informada quanto às metas, realizações e atividades escolares.

5.1 INTERVENÇÃO NAS ESCOLAS SOB CRISE

Em escolas particularmente afetadas por desordem e que apresentam contextos de perigo potencial ou efetivo aos estudantes e professores, determinados procedimentos se fazem necessários como forma de produzir melhorias reais em seu ambiente. Nesse contexto, mostra-se como solução recorrer a estratégias de desenvolvimento institucional e desencadear um processo de reestruturação (ou elaboração) de programas disciplinares e de ensino, visando obter melhorias significativas tanto no comportamento estudantil quanto no seu desempenho escolar.

Assim, não se trata apenas de focalizar o comportamento dos alunos. É necessário considerar todos os aspectos do seu desenvolvimento psicossocial em relação à qualidade da educação oferecida pela escola. O fato de o aluno não aprender, e por conseqüência experimentar insucesso escolar, pode estar na base da sua indisciplina (ABUD e ROMEU, 1989, p. 85). Este processo, que requer meses ou mesmo anos de trabalho coletivo, deverá incorporar a criação de grupos de trabalho responsáveis por avaliar, planejar e desencadear determinadas mudanças e avanços na escola. Esse processo constitui uma oportunidade de exercício democrático dentro da comunidade escolar. Daí a importância da contribuição dos estudantes (D'ANTOLA, 1989b).

Acrescente-se a importância de introduzir inovações educacionais que melhor instrumentalizem alunos e professores. Assim, por exemplo, pode ser interessante desenvolver, nos alunos, novas habilidades de estudo, bem como introduzir estratégias de aprendizagem cooperativa – o que muito provavelmente vai requerer um avanço na formação continuada, em serviço, dos professores. Além disso pode ser importante gerar modificações na atmosfera e na imagem da escola, através, por exemplo, de atividades extracurriculares, envolvendo a comunidade escolar como um todo, que ajudem a melhorar a estima pela escola e o valor desta perante os estudantes. Será importante, também, estimular a valorização do próprio papel da escola na vida dos estudantes. A escolarização hoje não está mais associada a vantagens socioeconômicas efetivas para muitos alunos, e teria, conseqüentemente, perdido parte de seu “valor”. Essa crise de significado quanto ao papel da escola

reflete uma crise social mais ampla de valores e deve ser encarada sob este nível de complexidade.

Outra melhoria seria oferecer serviços especiais, tais como aconselhamento e supervisão, sobretudo para aqueles alunos com problemas disciplinares mais sérios e/ou crônicos. Finalmente, deve-se enfatizar a necessidade de ampliar a comunicação e o envolvimento dos pais nos processos decisórios da escola, como elemento essencial à mudança que se deseja obter. A participação destes revela-se um elemento crítico para melhorar a ordem nas escolas com problemas disciplinares (ABUD e ROMEU, 1989; D'ANTOLA, 1989b).

6. CONCLUSÃO

O tema abordado neste trabalho é muito amplo, porém conclui-se que se pode diminuir a indisciplina nas salas de aula e com isto melhorar as condições de aprendizado dos alunos, desde que tomadas algumas medidas em relação à escola e o meio sócio-familiar que o cerca.

A escola deve oferecer ao aluno o desejo de aprender, isto coloca em movimento toda a sua organização, desde a sua direção até seus funcionários, também há necessidade de algumas mudanças na práxis do ensino, fazendo com que o professor interaja mais com seu aluno, existe uma necessidade de tutores em cada sala de aula, para que possam observar as reais necessidades de cada classe, também podemos observar a importância de orientação psicológica dentro da escola, isto se daria através de psicopedagogos ou psicólogos educacionais.

Outra coisa que se deve analisar são os currículos educacionais, existem disciplinas que são formadoras da ética e da moral, fazendo com que o aluno venha internalizar a lei, pela qual o levará a compreender melhor a disciplina, um exemplo disto é o ensino religioso, que foi abandonado pelas escolas, apesar de ser uma matéria facultativa entre as disciplinas curriculares escolar.

Há também uma necessidade da escola interagir com a família do aluno, tornando-se participativa em seu meio sócio-familiar, fazendo-se com isto, conhecida da escola as reais condições de seus alunos.

A família do aluno que tem grande participação na indisciplina nas salas de aula, muitos pais são omissos em relação à escola, muitos são geradores de conflitos para seus filhos e muitos não ensinam a disciplina dentro de casa, fazendo com que este aluno leve para a sala de aula fatores determinante para a indisciplina.

Não é o aluno o maior causador da indisciplina, “a escola é o principal gerador da indisciplina devido a forma que os gestores concebem a ordem na sala de aula.” (DOXSEY, 2009), para se haver uma aprendizagem significativa e a disciplina, as

[b6] Comentário: Verificar no Manual de Monografia a forma de se escrever o nome do autor quando é mencionado entre os parênteses.

escolas devem tomar para si a responsabilidade de levar o aluno ao desejo de aprender, fazendo com que seus impulsos para a indisciplina sejam sublimados para a disciplina e a vontade de aprender.

Logo o objetivo desta pesquisa foi atingido, fazendo-se de grande importância para a comunidade científica, pois podemos perceber que apesar das discussões sobre indisciplina serem bastante abrangentes, concluímos que existem soluções e que só depende das organizações escolares juntamente com os pais dos alunos fazerem um esforço para atingirem sua principal meta, o ensino e a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M; RUAS, M. das G. Violência nas escolas. Brasília: UNESCO, 2003.
- ABUD, Maria; ROMEU, Sonia. A problemática da disciplina na escola : relato de experiência. In: D'ANTOLA, Arlette (Org.). Disciplina na escola . São Paulo : E.P.U., 1989. p. 79-90.
- ANTUNES, C. **Professor bonzinho= aluno difícil**: a questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2002a.
- AQUINO, Julio R. Groppa. Desordem na relação professor-aluno: indisciplina. Moralidade e conhecimento. In: AQUINO, J. G. (Org.) Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 13. ed. São Paulo: Summus, 1996a.
- AQUINO, Julio R. Groppa. Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1998.
- ARAÚJO, Ulisses F. de. Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In.: AQUINO, Julio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola**: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- CASTRO, A. D.; CARVALHO, A. M. (Org.). **Ensinar a ensinar**: didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005
- D'ANTOLA, Arlette. Disciplina democrática na escola. In: D'ANTOLA, Arlette (Org.). Disciplina na escola. São Paulo : E.P.U., 1989b.
- ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. São Paulo: Porto, 1992.
- FERNANDES, F; LUFT, C. P.; GUIMARÃES, M. F. **Dicionário brasileiro Globo**. 29. ed. São Paulo: Globo, 1993.
- FERREIRA, A. B. H. **Miniaurelio Século XXI Escolar**: o minidicionário de língua portuguesa. 4.ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti (org).**Os fazeres na educação infantil**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FREIRE, Paulo. Educação e mudança. São Paulo : Paz e Terra, 1991.
- FREITAS, G, B. **Escola, Estado e sociedade**. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

GENTILE, P. Indisciplinado ou Hiperativo. Nova escola. São Paulo. Abril, p.30, maio, 2000.

GINOTT, Haim. **O professor e a criança**. Rio de Janeiro: Bloch, 1978.

GÓMES, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GOTZEN, C. **A disciplina escolar: prevenção e intervenções nos problemas de comportamento** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GUIMARÃES, A. M. Indisciplina e violência: ambigüidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, J.G. (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

LANCET, A. **Hiperatividade com déficit de atenção: Equipe ABC da Saúde**. Disponível em: <http://www.psicosite.com.br/tex/inf/tdah01.htm>. Acesso em: 10 jul. 2008.

LEITE, Neiva Terezinha Chaves; FERREIRA, Josiane Peres. **Hiperatividade X Indisciplina: Contribuições para o Cotidiano Escolar**. 2008. Disponível em: http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/artigos_neiva_hiperatividade.htm - 161k> Acesso em 5 jul. 2008.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

NOGUEIRA, Rosana. **Escola e violências: uma reflexão possível**. 2003. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt14/gt14845int.doc> - Acesso em: 10 jul 2008.

OLIVEIRA, J. **Estatuto da criança e do adolescente: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. 7. ed., atual. ampl. São Paulo: Saraiva, 1996.

PERIN, E.S.; CORDEIRO, M.V.C.C, **Indisciplina na Escola do Século XXI**, Monografia apresentada para obtenção do título de especialista em psicopedagogia, Ponta Grossa – PR, 2002, Disponível em: <http://www.pesquisa.uncnet.br> Acesso em 10 jun 2008.

REGO, Teresa C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In.: AQUINO, Julio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

SILVA, L.C. Faria, **Possíveis incompletudes e equívocos dos discursos sobre a questão da disciplina**, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em Maio/2008.

TIBA, I. **Disciplina**: o limite na medida certa. 8. ed. São Paulo: Gente, 1996.

TIBA, I. **Disciplina**: Limite na medida certa: Novos paradigmas. 79. ed. São Paulo: Integrare, 2006.

VASCONCELLOS, C. S. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 11. ed. São Paulo: Libertad, 2000. (Cadernos Pedagógicos do Libertad; v. 4)

VASCONCELLOS, C. S. **Para onde vai o Professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2003.

VASCONCELLOS, Celso. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola 4. ed. São Paulo : Libertad, 1995. 110 p.
VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.